
Confluências Ancestrais do Sul Global em videoclipes de Tems e Lay Zhang¹

Evandro José Medeiros Laia²

Paula Silva TEODORO³

Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP, MG

RESUMO

O estudo propõe investigar os videoclipes “*The Key*”, da cantora nigeriana Tems e “*Lit*”, do cantor chinês Lay Zhang, em busca de respostas para explicar o porquê das confluências visuais entre Lay e Tems serem tão vivas, tendo como fundamento o Sul Global, o contra-colonial (Santos, 2015), às formas de resistência, o videoclipe (Soares, 2012), mas sem se esquecer a crítica por parte das escolhas impostas pelos produtos ou pelos produtores. O que pretendemos é mostrar para o leitor da análise que é possível pensar a convergência de ideias e divergência de corpos dentro do audiovisual, assim como propor olhares escrevendo essas possibilidades visuais dentro do nosso contexto.

PALAVRAS-CHAVE

Sul Global; confluência; ancestralidade; contra colonial; audiovisual; Diáspora africana; Epistemologias descoloniais.

Introdução

O artigo propõe uma visada sobre os videoclipes “*The Key*”, da cantora nigeriana Tems e “*Lit*”, do cantor chinês Lay Zhang, na perspectiva do Sul Global, especialmente a partir da ideia de contra colonização, segundo Antônio Bispo dos Santos (2015). Buscamos identificar quais elementos estéticos (visuais e sonoros) dos videoclipes são dissonantes e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio no Departamento de Antropologia Aplicada da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, e professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e da graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Ouro Preto. Membro dos grupos de pesquisa Emergências: coletivo de pesquisa, extensão e ativismo em comunicação (CNPq/UFOP) e Centro Internacional de Pesquisa Atopos (CNPq/USP). E-mail: evandro.medeiros@ufop.edu.br.

³ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: paula.teodoro@aluno.ufop.edu.br/
jorpaulateodoro@gmail.com

quais confluem para o ancestral, a partir da hipótese de que, embora oriundos de diferentes geografias espaciais e afetivas (Mbembe, 2018), os encontros visuais dos dois vídeos não são mera coincidência de cores, gestos ou enquadramentos e sim uma maneira de dialogar suas histórias para além do Norte, a partir da comunicação hegemônica do videoclipe, ou seja, emulando uma estratégia contra colonial. Os objetivos são: compreender e identificar as propostas de Tems e Lay em seus respectivos videoclipes, a partir da geografia do discurso, pensando a história muito além de três tempos; identificar a contra colonialidade em ambos os discursos, nos quais ancestralidade e estratégia são confluentes; aprofundar nos mecanismos visuais para entender a Nigéria de Tems e a China de Lay, sob o prisma da ideia de um Sul Global.

A obra de Thiago Soares (2012) vai servir como proposição de partida para entendermos como criar uma linha lógica entre as obras que serão analisadas, essa lógica vai partir do videoclipe como produto que deve ser analisado à luz das posições sociais nas quais se inserem e que dessa forma, em tese, conseguiremos ter um olhar mais crítico e de fato colocar essas produções apesar e além do olhar branco, e entendê-las a partir do lugar onde elas pretendem se auto denominar ou descrever. Os vídeos se tornam chaves importantes para a análise quando pensados lado a lado. Desse modo, entendemos o papel significativo de suas vivências, discursos geográficos, auto descrições e ações contra coloniais. Lay Zhang e Tems proporcionam uma imersão interessante nesse sentido: as ações estratégicas usadas por ambos extrapolam o lugar de artistas famosos, produtores de conteúdos audiovisuais e chegam a uma nova maneira de pensar como essas produções estão em constante resistência, se encontrando.

O artigo apresenta Tems e Lay, elenca conceitos importantes acerca dos temas decoloniais, especialmente a partir de ideia de contra colonização (Santos, 2015), para em seguida projetar uma possibilidade analítica de vídeos musicais. Por fim, apresenta as análises dos videoclipes em questão e finaliza o trajeto apontando as confluências ancestrais que, acreditamos a partir desta investigação, conectam Nigéria e China na perspectiva do Sul Global, apesar das dissonâncias encontradas.

Histórias além do norte

Antes de iniciarmos algumas alusões referentes ao pensamento contra colonial e as confluências ancestrais (Santos, 2015) vamos trazer uma breve caracterização da carreira de Tems e Lay e a singularidade de suas abordagens ao criar música. Temilade Openiyi, mais conhecida pelo seu nome artístico Tems, é uma cantora nigeriana de 28 anos, que iniciou sua carreira em 2018 com seu primeiro single nomeado de “*Mr. Rebel*”, enquanto conciliava a faculdade de Economia com sua paixão pela música. Zhang Yixing, mais conhecido artisticamente como Lay Zhang ou apenas Lay, de 31 anos, é um cantor solo chinês, conhecido no meio artístico asiático por ter feito parte da boy group de *K-pop* EXO em 2012-2022.

Tems enfatiza que não se limita a essas categorias musicais convencionais, e que suas produções englobam todas elas (R&B, pop, rap, e outros). Lay segue uma linha similar, enfatizando o mesmo ponto em entrevistas. Embora suas carreiras possuam diferenças, ambos os cantores carregam consigo uma bagagem significativa para seus respectivos países. Além disso, suas colaborações musicais com diferentes cantores de diversos gêneros musicais, em diferentes momentos constituem um dos mecanismos estratégicos para ampliar seu alcance geográfico e discursivo. Essa abordagem é a chave para compreender que suas formas de se autodenominar são estruturadas de maneiras diversas, mas podemos considerar que elas permeiam várias facetas da vida desses artistas.

Levando isso em consideração, chegamos a linha que irá ligar esses dois artistas, as confluências ancestrais do Sul-Global. Para entender melhor essa temática, é necessário entender o que é para nós e, para Antonio Bispo (2015) o "contra colonizar". Essa ação significa desafiar as expectativas impostas e não ceder à dor que esperam que sintam. Essa prática constante remonta a lutas históricas e ancestrais, buscando resgatar o passado e agir contra as restrições sociais da colonização. Além de ser um conceito teórico, o "contra colonial" é a principal conexão nas relações de resistência, memória e religiões politeístas.

Os espaços em que nossos corpos se reconhecem e interagem criam significados, e os vídeos produzidos realçam suas culturas, o que pode provocar desconforto por parte daqueles que se identificam com a branquitude/branquidade, que (Cardoso 2010 apud Teodoro, 2023)

vai chamar de branquitude crítica, referindo-se ao indivíduo ou grupo branco que desaprovam publicamente o racismo. Enquanto que a branquitude acrítica refere-se a branquitude individual ou coletiva que sustenta o argumento em prol da superioridade racial branca.

Metodologias ancestrais

Raça, etnia e territorialidade são ideias de suma importância para a compreensão das metodologias empregadas dentro da releitura dos videocliques e para compreendermos suas confluências. Cada um constrói suas próprias perspectivas de luta, explorando seus entendimentos únicos das culturas que os permeiam. Surge uma nova proposta que envolve refletir sobre a abrangência dessas produções audiovisuais. A metodologia de fundir os dois vídeos com suas respectivas músicas, ou colocá-los lado a lado reforçando a hipótese de que suas temporalidades são semelhantes e múltiplas, proporciona compreender e discernir como a história pode ser interpretada em diferentes períodos temporais, libertando-se das restrições que nos afastaram da busca incessante pela identidade.

O filósofo congolês Valentin-Yves Mudimbe (1988), em sua obra "A invenção da África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento", instiga reflexões e perspectivas sobre o conhecimento, bem como as diversas formas de afirmação histórica, cultural e discursiva. O autor destaca a vastidão das produções científicas africanas, entre as quais se inclui a filosofia. Mudimbe (1988) nos convida a uma reavaliação dos discursos, propondo uma abordagem de temporalidades diacrônicas, que estuda e compreende uma situação em diversas linhas temporais (além do presente, passado e futuro), ao invés de adotar uma visão linear. No colonialismo, as auto descrições (como se vê) são colocadas apostas, assim como as concepções culturais, trazendo um embate histórico, onde o colonizador tenta a todo custo definir como superior suas maneiras de auto descrição de outros (seja étnica ou socialmente).

O Sul Global assume uma relevância crucial na reflexão sobre a colonização, o contra-colonial e os conceitos que Tems e Lay, de forma suposta, denominam como ancestral (Teodoro 2023). Neste contexto, o Sul Global está empenhado em apresentar uma diversidade de estratégias, sejam elas culturais ou territoriais, adotadas por países tidos como "minorias" ou "pobres". Essas nações, de maneira pioneira, estão produzindo suas próprias formas de

autodescrição, o que indica o surgimento de concepções inovadoras que não são restritas a padrões ocidentais.

Dessa forma, emergem diversas abordagens focadas em políticas econômicas e de desenvolvimento, que trazem à tona uma nova perspectiva nas relações internacionais, com destaque para os continentes da África, Ásia e América Latina. Essas transformações representam uma mudança significativa no pensamento e na compreensão das interações globais. O livro "Quilombos, Modos e Significados" (Santos, 2015) oferece novas perspectivas sobre o conceito de resistência, questionando sua vinculação exclusiva ao movimento decolonial. A fim de uma melhor compreensão do fenômeno denominado contra colonial, vamos considerar certos recortes presentes neste artigo, os quais foram inspirados pelas análises promovidas por Bispo em suas próprias investigações.

Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. (Santos, 2015, p. 47-48).

A música vai fazer ligação com a ancestralidade e ultrapassar atlânticos, como Josivaldo Pires (2020) vai dizer em seu livro "O urucungo de Cassange: um ensaio sobre o arco musical no espaço atlântico (Angola e Brasil)". A trajetória dos instrumentos musicais africanos transcende as amarras dos registros escritos, vinculando-se à ancestralidade que permeou as travessias transatlânticas. Oportuno é considerar como, em teoria, poderemos vislumbrar semelhanças ou convergências entre Tems e Lay, seja em suas letras, ritmos, imagens ou gama de tonalidades. Por isso, a ancestralidade se configura muito além do que os três tempos impõem (presente, passado e futuro). Como Braudel (1992) exemplifica, os tempos históricos ultrapassam o relógio e proporcionam um dinamismo entre o indivíduo, e assim se mantêm contínuos, trazendo formas diferentes e temporalidades diversas (Teodoro 2023).

As confluências de diversos rios, em suas junções, figuram como elementos-chave que permeiam a ancestralidade. Nesse contexto, as práticas devocionais aos antepassados representam um dos pilares centrais da religiosidade chinesa, cujas origens remontam à fase

neolítica da China (Bueno 2021). Por outro lado, na tradição yorùbá, oriunda da Nigéria, os afrodescendentes conseguiram incorporar ao Brasil, juntamente com várias outras manifestações religiosas, o culto dedicado aos ancestrais, denominado egúngún. Nos territórios de Itaparica, o Agbónlá, e em Recife, o egbé de Bábá Oba Èrín, essa tradição religiosa é mantida (Lima, 2012, p.240).

No livro "Videoclipe - o elogio da desarmonia", Thiago Soares (2012) apresenta um corpus de reflexões sobre os videoclipes, examinando suas raízes enquanto um artefato associado ao cinema e, igualmente, avaliando suas manifestações no contexto da América Latina. O autor coloca que o videoclipe se configura como uma síntese do cotidiano, não somente no âmbito musical, mas também no aspecto imagético, o que propicia uma identificação do telespectador com a produção em questão. Dessa maneira, as distintas estéticas presentes no videoclipe compõem uma espécie de versão concisa e peculiar do estilo pós-modernista (Soares, 2012).

A divisão para que seja possível compreender todas as questões anteriores visadas vai ser: primeira seção, a introdução, tem por objetivo estabelecer o contexto no qual estaremos situados, abrangendo aspectos históricos, culturais e identitários. Na segunda fase, denominada desenvolvimento, empreendemos uma análise detalhada acerca da evolução dos vídeos, examinando suas características ao longo da história, destacando seus pontos relevantes e discutindo como elas se relacionam com os temas previamente abordados. Por fim, na terceira seção, a conclusão, aprofundaremos nossa apreciação das aspirações e objetivos dos interlocutores com relação ao produto final, bem como exploraremos a forma como ele é recebido pelos grupos designados.

As categorias selecionadas como metodologia para esta pesquisa estão fundamentadas na perspectiva de que ambos os vídeos analisados possuem uma estrutura narrativa compreendendo início, meio e fim. Para uma apreensão plena das múltiplas possibilidades visuais, é indispensável uma avaliação cuidadosa, uma vez que uma única visualização dos materiais não é suficiente. Essas categorias foram concebidas a partir do texto de Soares (2012), com o intuito de proporcionar uma organização coerente dos elementos investigados. Ao considerar os vídeos dentro de seus respectivos contextos culturais e musicais, o objetivo

é compreender a maneira que esses produtos são assimilados pelos receptores em potencial. A adoção dessa abordagem técnica reflete o cuidado e a atenção dos pesquisadores diante de obras tão complexas e significativas.

A China de Lay

Lay produz um retorno a determinados fundamentos culturais referentes à tradição chinesa. Esta narrativa encontra inspiração na milenar Ópera de Pequim, um legado cultural consagrado como patrimônio imaterial da humanidade pela UNESCO desde o ano de 2010. Conforme delineado por Mariana Madrigali (2019), especialista dedicada ao assessoramento de itinerários de viagem à China, a apresentação em foco revela distinções acentuadas quando comparada com os paradigmas frequentemente associados a produções similares. A referida performance não se restringe a uma mera manifestação, tampouco se reduz à mera exposição de vocalizações, tão comuns em produções europeias.

Essas questões acabam se configurando como a China de Lay, a maneira com que o cantor irá abordar não só a ópera de Pequim, precursor de seu roteiro, como irá aparecer diversos cenários históricos e que demandam certo entendimento prévio sobre o assunto. Ou seja, Zhang desenvolve como um dos seus objetivos mostrar a China por sua óptica, trazendo ideias e concepções sobre o que é definido dentro do ocidente e como isso pode ser mutável, com as confluências:

As máscaras trazem características unificadas entre o que é bonito e o que é considerado feio, as cores fazem com que esses aspectos fiquem mais chamativos, o que resulta em uma arte, já que é a partir dessas cores, que o público conseguirá distinguir um herói de um vilão, o inteligente ou tonto, amado ou odiado. No livro do autor Yan Jiqing (1996), intitulado “Rostos pintados pela Ópera de Pequim: com notas sobre 200 óperas”, Jiqing trás que segundo a lenda, o príncipe Lanling era um grande guerreiro da dinastia Tang, tinha um rosto feminino. Para assustar seus inimigos, ele usa uma máscara horripilante no campo de batalha, e é a partir disso que o espetáculo desenvolve o uso de máscara pelos atores. Existem alguns papéis específicos, sendo Sheng (papel masculino), Dan (papel feminino), Jing (cara pintada) e Chou (palhaço). (TEODORO, 2023, p.31)

Neste momento, iremos trazer descrições breves, mas importantes, sobre o video clipe *Lit*, para assim situarmos as diversas possibilidades ancestrais dispostas, a partir da frase de entrada do *music video*: “Eu costumava ser tão poderoso para levantar montanhas e governar o mundo. Mas minha sorte mudou e meu cavalo não pode correr. Posso cuidar do meu

cavalo, mas o que devo fazer com você, minha dama?” (Lay, 2020). O trecho é uma parte da ópera Adeus, Minha Concubina, dito pelo rei Xiang Yu antes da concubina se suicidar com uma espada, com o objetivo de não atrapalhá-lo no campo de guerra.

A presença da flor de Lótus também é importante para entendermos alguns recortes e contexto, até porque ela permeia diversos momentos do vídeo. Além disso, a música carrega o nome da flor. Apesar das multi tonalidades naturais, a produção do vídeo musical em questão adotou um recorte, focando primordialmente nas tonalidades branca e vermelha. A flor branca, perceptivelmente, parece estar destinada a ocupar o papel de protagonista. Por outro lado, a flor vermelha, situada em um cenário delimitado, tem pétalas que assemelham-se à textura metálica e ao seu redor emana um tonalidades que vão do amarelo ao alaranjado, culminando numa tonalidade marcante vermelha.

A palavra *LIT* é sugestiva em diversos sentidos, em um inglês ela pode significar algo magnífico e excelente, ao mesmo tempo que pode ser, em tradução, luz. Lay também faz jogos de palavras, em mandarim, a pronúncia é semelhante à flor de lótus.

Na crença religiosa chinesa, ela representa a dualidade da vida e da morte. Em tese, no vídeo, o general Xiang Yu é tratado como a vida passada e Lay, em roupas mais modernas, é a vida presente. O dragão ao final do vídeo pode ser entendido como o espírito do general que retorna, após Lay o invocá-lo em seus rituais. Enquanto isso, a flor e o oráculo, assim como a tatuagem do olho do dragão em suas mãos, ajudam a conexão com o espírito. Essa conexão entre dragão sendo o espírito do general e a flor, podem ser explicadas: quando na introdução do vídeo vemos os três serem introduzidos em conjunto. (TEODORO, 2023, p.43)

Entendemos que "*Lit*", evidencia a necessidade do áudio com o visual, além de trazer confluências históricas e ancestrais da cultura. A fusão entre a batida contemporânea e a inclusão de instrumentos chineses representa apenas uma das conexões tecidas para unir as três distintas temporalidades (presente, passado e futuro), promovendo a abertura de um leque diversificado de possibilidades. O dragão, como ícone central, eloquentemente transmite essa rica diversidade de períodos temporais, ao mesmo tempo que reforça uma visão global do elemento, continua a se difundir por materializar formas diferentes e tecnológicas. Lay, tem a tarefa de criar diferentes atmosferas. Ele faz isso usando diferentes combinações de cores, como preto e branco, tons de cinza e azul-escuro. Tudo isso nos remete a como a cultura do

passado está presente e se mistura com diferentes épocas ao longo do tempo, garantindo que ela seja preservada continuamente.

A Nigéria de Tems

O título da música, "*The Key*" (A Chave), relaciona elementos visuais e históricos, para que possamos entender quais confluências são criadas e abordadas pela cantora. Tems destaca em sua letra a presença de uma chave, e ao analisarmos a progressão visual que é retratada no enredo, percebemos que compreender o significado dessa chave requer um estudo profundo e uma compreensão da sua história ancestral e de luta. Portanto, essa narrativa histórica se configura como a chave.

O Mediterrâneo era o principal meio de interação entre esses povos, que se deslocavam mais por aquele mar do que por vias terrestres. Tanto que ele é chamado pelo historiador francês Michel Grãos de “cimento líquido”. Dada essa forte interação, é preciso ter a percepção de que as culturas antigas – grega, fenícia, egípcia e outras – não são “puras”, mas frutos de um conjunto de intersecções. (JORNAL DA USP, 2020)

A Nigéria de Tems pode ser percebida quando a cantora, que é também autora do roteiro do vídeo clipe, desenvolve uma fotografia visual diferente do que se é esperado de produções nigerianas. Ela rompe com essa norma de uniformidade, moldando novas interpretações tanto no âmbito musical quanto no audiovisual. Os vídeos musicais da cena da Nigéria frequentemente exibem uma profusão de cores, trajes tradicionais e movimentos de dança, muitas vezes ambientados em locais como praias ou ruas locais do país. Sua abordagem se destaca através da dança e de movimentos fluidos, ao mesmo tempo em que incorpora elementos que definem sua singularidade e autenticidade musicais, de diversos estilos, como dito anteriormente neste artigo. Cores e elementos são a chave de Tems para essas confluências ancestrais, além de trazer o afrofuturismo.

Mark Dery cunhou o termo afrofuturismo em 1994. O objetivo de Mark era entrevistar alguns intelectuais e artistas negros norte-americanos, para conseguir descrever as produções artísticas que traziam a ficção científica, além de proporcionar uma crítica a esses mesmos filmes que não tinham em seu elenco atores e atrizes negros. A entrevista ocorreu com Greg Tate, Tricia Rose e Samuel R. Burocco (2020), explica que o termo surgiu no campo da literatura, já que diversos escritores negros estavam tentando trazer seus corpos para a ficção científica, o que acabou por se estender para o cinema, fotografia e artes visuais, o que não seria diferente para o campo musical. Por isso, podemos perceber esse afastamento de

Tems em “o que desejam que seja Nigéria” para “O que ela vê que Nigeria pode se encaixar” (TEODORO, p.47, 2023).

Dessa forma, o foco inicial de Tems é abordar como a África progrediu estrategicamente em direção à expansão, estabelecendo conexões significativas com outras culturas, identidades e continentes. Ao invés de aderir à narrativa convencional que limita a história africana ao momento da chegada dos europeus ou à escravidão, a intenção é destacar um ângulo diferente. Tems está redefinindo a noção convencional de um videoclipe nigeriano. Ela rompe com os moldes habituais e molda novas interpretações tanto para a música quanto para o vídeo. *The Key* destaca-se ao manter a essência da dança e a liberdade de movimento, ao mesmo tempo em que introduz elementos que refletem sua própria identidade musical, uma que é singular e autenticamente sua.

Existem elementos principais, além da própria chave histórica, o baú no videoclipe, a mancha vermelha no planeta terra indicando a expansão cultural africana, a katana nas costas da cantora e os olhos pretos, são bases que constroem uma narrativa cronológica para entendermos o vídeo clipes, que assim como *Lit*, não abarca o consumo apenas por assistir, é necessário compreender as histórias que permeiam por de trás do roteiro da produção. A chave é se debruçar sobre algo simples, mas que compõe elementos notoriamente complexos.

Confluências ancestrais

O estudo propõe entender o porquê das confluências visuais entre Lay e Tems serem tão vivas, tendo como fundamento o Sul Global, o contra-colonial, as formas de resistência, o audiovisual, mas sem se esquecer a crítica por parte das escolhas impostas pelos produtos ou pelos produtores. O que pretendemos é mostrar para o leitor da análise que é possível pensar a convergência de ideias e divergência de corpos dentro do audiovisual, assim como propor olhares escrevendo essas possibilidades visuais dentro do nosso contexto. Ou seja, a identificação por parte dos materiais é de suma importância.

Ressaltamos a complexidade das relações de etnia num contexto globalizado. Tems tem pele retinta, enquanto Lay possui o que chamamos de pele amarela. Mas, não podemos esquecer como o colorismo opera em ambos os países, no que se trata de clareamentos da pele, a beleza e cultura do embranquecimento. Não é possível passar uma venda nos olhos e

não levar em consideração o que afasta (culturalmente) ambos. Existe uma preferência, padronização e sabemos que Tems não está no topo da lista como referência do que se considera como bonito/estético para os chineses, por exemplo. Alice Walker (1983) cunha o termo colorismo/pigmentocracia, para definir discriminação e hierarquização de pessoas por tons de pele. Basta pensarmos em como as dominações britânicas e europeias no Sul Asiático e Sudeste Asiático, impuseram padrões de embranquecimento.

Dito isso, entendemos que há significativas confluências que consideramos estratégias contra coloniais dos dois artistas, para além da apropriação da linguagem hegemônica do videoclipe como modo de produção de resistência. Apesar da construção do roteiro, concluímos que Tems e Lay deixam um final alternativo para suas histórias. Entendemos que Lay procura institucionalizar objetos e percepções sobre a cultura chinesa, reforçando suas características e trazendo a suas complexidades para comunicar o que pretende com o seu vídeo clipe. Ele faz isso reforçando o dragão, roupas e instrumentos musicais. Já Tems, desenvolve uma saída estratégica do folclórico, ou seja, o que esperam que seja um videoclipe ou cantores africanos, criando assim mecanismos contra coloniais. Ela faz isso quando escolhe os espaços do vídeo, as cores, as roupas e sua saída mais obscura e sobrenatural.

Compreender a nascente da corrente lógica que permeia os vídeos é fundamental para acompanhar seu curso e seu ponto de encontro. O livro "África, margens e oceanos: perspectivas de história social", publicado em 2021 pela Editora da Unicamp, proporciona entendimento sobre esse protagonismo e as relações culturais que remontam a períodos muito anteriores às interações europeias. Essas relações evoluíram a partir de produtos, transformando-se, a partir do século VIII, em migrações humanas.

A primeira evidência das relações entre África e o oceano Índico remontam a cerca de quatro mil anos antes de Cristo. Tais relações tinham como base o intercâmbio (ou "migração") de plantas, animais e culturas alimentares entre a África e o sul da Ásia. A partir dos primeiros séculos da era depois de Cristo, segue-se o comércio de uma ampla gama de mercadorias, tanto primárias, quanto manufaturas. (REGINALDO e FERREIRA, 2021, p.47)

Algumas das confluências visuais que são possíveis de serem percebidas a partir das comparações que construímos a partir da edição que misturam áudio e vídeos dos dois vídeos⁴.

1) Cores: Diversos tons são usados, podemos perceber isso com a cor vermelha, que visualmente pode significar uma diversidade de objetivos, mas nos dois produtos visuais, é possível notar o uso dela quando o roteiro deseja enfatizar entidades e poder. Em *Lit*, a flor de lótus vermelha, em *The Key* a cor vermelha se espalhando sobre o planeta terra como chave de expansão ou uso distinto de sombras vermelhas e pesadas para criar uma realidade mais sobrenatural, isso dá um tom importante, já que remete bastante ao afrofuturismo. Quando estamos tratando de presente, passado, futuro e a junção dos diversos tempos, temos que nos atentar a mais esses elementos da confluência ancestral entre as duas produções. Quando *Tems* usa o baú com elemento do vídeo, ela ao mesmo tempo remete a chave (nome da música), no que também dialoga com as expansões. Ou seja, ela cria uma trindade de situações no roteiro onde é possível perceber a cantora e toda a sua gama de ancestralidade. Ao mesmo tempo (literalmente temporalidades quando postos lado a lado), *Lay* faz a junção de três principais personagens (General, Lay e Lotus), que estão confluindo entre presente, passado e futuro. Essa trindade pode ser entendida também como oráculo, lótus e dragão, ou então, lótus, general e dragão, porque quando pensamos no dragão, estamos refletindo sobre ele estar separado do general, já que o dragão é uma espécie de espírito.

2) Letra da música propõe uma junção de áudio e vídeo.

Lit encaixa, em suas cenas, letras que precisam ser acompanhadas em constância com o vídeo. A mistura da batida moderna com instrumentos antigos chineses é só uma das pontes criadas entre os três tempos e, acaba por abrir portas para diversos outros. O dragão transmite essas diversas opções de tempo, principalmente quando aparece em temporalidades diferentes na tela. *Lay* se encarrega de produzir atmosferas bem diferentes, com o preto e branco, o acinzentado com roupas azuis escuro, o palácio e sua imensidão, tudo isso, para mostrar o quanto sua cultura emerge e respira os diversos tempos para sua manutenção própria (TEODORO, 2023, p.45)

⁴ Clique no link para acessar a playlist que exemplifica a metodologia da pesquisa. A playlist deve ser assistida na ordem em que está composta:
<https://www.youtube.com/playlist?list=PLKBurS9nv80iskzHxV4VKiMbKGNJkF-aP>.

Ao mesmo tempo que Lay (2020) fala “Levar à China para o mundo”, Tems (2021) relembra que nos minutos iniciais: “Veja, eles querem me amar agora, quando eles tentaram me derrubar”. Existe uma narrativa onde ambos compreendem o lugar onde a indústria os coloca, e a partir desse ponto eles criam suas próprias confluências ancestrais identificando e produzindo novas narrativas. "Quando o mundo está saindo, quando a terra está caindo, esta é a mente, esta é a luz, este é o momento, este é o caminho, eu vejo o sonho vindo diante de mim." (TEMS, 2021), nesse mesmo momento em específico, quando os vídeos estão lado a lado, Lay diz “Apenas me vença, eu sigo meu caminho, eu sou a luz”.

3) As imagens dos vídeos saltam aos olhos grita por conta da semelhança, mas é importante lembrar que ambos foram lançados em momentos distintos. Ambas produções estão moldadas em um cenário geralmente associado ao ocidente, por isso é possível perceber que suas produções adotam um tom de confronto e ameaça, e talvez por esse motivo confluem no resultado final, mas divergem por se tratar de corpos diferentes, em culturas e espaços diferentes. Uma das abordagens que notamos é a incorporação de elementos já conhecidos para suavizar a sua cultura. Fica evidente a necessidade de possuir um certo poder para alcançar os objetivos desejados. Enquanto Tems realiza isso através do baú, Lay consegue o mesmo efeito por meio de um ritual que envolve a aplicação de um líquido preto no rosto.

Considerações finais

A pesquisa contribui para as discussões acerca do Sul Global, além de proporcionar perspectivas teórico-científicas referente à ancestralidade. Além de fazer aporte nas disputas de pontos de vista, e que essas se tornam um fator importante para entender o lugar que cada um é ‘colocado’, o que difere de onde ‘deseja’ se colocar.

Ao adentrar na pesquisa, emergiram diversas possibilidades propostas pelos cantores, e esse processo evoluiu para uma entidade que precisou assimilar os contextos temporais apresentados nos vídeos e se moldar de acordo com essas temporalidades. Compreender os diversos corpos implica em evitar a ação de subtrair deles sua própria forma de expressão. Este feito foi apenas alcançado ao reexaminar autores de várias regiões geográficas, juntamente com suas aspirações e inquietações relacionadas às influências coloniais. Isso

permitiu uma compreensão mais profunda de como cada indivíduo dialogava com Tams e Lay, e de que maneira a pesquisa estabelecia conexões com seus leitores.

No entanto, acima de tudo, essa jornada revelou que as narrativas têm origem muito antes do contato com os europeus e, quer seja de forma intencional ou não, elas vão se disseminando através da oralidade, da vivência registrada na escrita, das diásporas, com o intuito de se transmutar em uma forma de resistência diante daquilo que as afronta. Parece-nos bem frutífero, a partir do ponto que chegamos aqui, avançar para a abordagem de outras obras deste artistas, mas também de vídeos produzidos em outros países do Sul Global, a partir da proposta metodológica que estamos construindo.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrílica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv [online]. 2010, vol.8, n.1, pp.607-630. ISSN 1692-715X.

DA SILVA BUENO, André. China: uma arte para dois mundos. NEARCO-Revista Eletrônica de Antiguidade e Medieval, v. 12, n. 2, p. 19-41, 2020. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/57517>>

DIOP, Cheikh Anta; COOK, Mercer. **The African origin of civilization: Myth or reality**. Chicago Review Press, 2012.

JORNAL DA USP. Mediterrâneo permitiu trocas intensas entre povos da Antiguidade. 26 de junho de 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/mediterraneo-permitiu-trocas-intensas-entre-povos-da-antiguidade/>>

LIMA, Rita de Cássia Pereira. Sociologia do desvio e interacionismo. Tempo social, v. 13, p. 185-201, 2001. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ts/a/PGrt54H45QqJGwqtdM8rGbd/abstract/?lang=pt>>

MADRIGALI, Mariana. Ópera de Pequim: Patrimônio da Humanidade. Vistos China. Disponível em: <<https://chinavistos.com.br/opera-de-pequim-patrimonio-da-humanidade/>>

MBEMBE, Achille. **A ideia de um mundo sem fronteiras**. Revista Serrote, n. 31. Maio de 2018. Disponível em: <<https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>>. Acesso em 7 jul 2023.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Mangualde (Portugal), Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

TEODORO, Paula Silva. Confluências ancestrais do Sul Global em videoclipes de Tems e Lay Zhang. 2023. 72 f. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023. Disponível em: <<https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/5697>>

REGINALDO, Lucilene; FERREIRA, Roquinaldo (Ed.). África, margens e oceanos: perspectivas de história social. SciELO-Editora da Unicamp, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SOARES, Thiago. **Videoclipe – o elogio da Desarmonia**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

TEMS, Temilade. **The Key (Official Video)**. YouTube, 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g6YJXT7wWfc>>.

WALKER, Alice. If the present looks like the past, what does the future look like?. In:-----, **In search of our mothers' gardens: womanist prose**. San Diego, California: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.

WEBER, P. M.. A África de Valentin Mudimbe e o desconstruir de uma ordem do conhecimento. ANOS 90 (ONLINE) (PORTO ALEGRE), v. 21, p. 563-568, 2014.

WESTWING. Flor de Lótus: Significado, benefícios, tipos e receitas com a planta. Disponível em Acesso em: 26 de março de 2022.

YASZEK, Lisa. Afrofuturism, science fiction, and the history of the future. *Socialism and Democracy*, v. 20, n. 3, p. 41-60, 2006.

ZHANG, Lay. 蓮 (**Lit**)' MV. YouTube, 26 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j4qVhOaRBSY>>.

ZHAO, Menglin; YAN, Jiqing. Peking Opera, Painted Faces. With Notes on 200 Operas, drawings by Zhao Menglin. 1992.